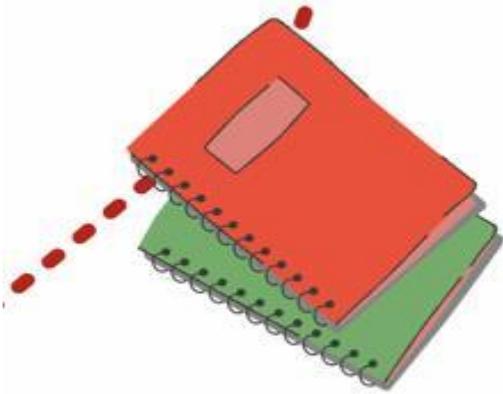


INSTITUTO FEDERAL
DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
Goiás



Leon de Assis Silva

Vanderleida Rosa de Freitas e Queiroz

**PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA E A
MATEMÁTICA: ensinando sistema monetário
no 5º Ano.**



*Jataí-GO
2023*



INSTITUTO FEDERAL
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
SISTEMA INTEGRADO DE BIBLIOTECAS

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO IFG - ReDi IFG

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Digital (ReDi IFG), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IFG.

Identificação da Produção Técnico-Científica

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> Tese | <input type="checkbox"/> Artigo Científico |
| <input type="checkbox"/> Dissertação | <input type="checkbox"/> Capítulo de Livro |
| <input type="checkbox"/> Monografia – Especialização | <input type="checkbox"/> Livro |
| <input type="checkbox"/> TCC - Graduação | <input type="checkbox"/> Trabalho Apresentado em Evento |
| <input checked="" type="checkbox"/> Produto Técnico e Educacional - Tipo: PTT1 - Material didático/instrucional | |

Nome Completo do Autor: Leon de Assis Silva

Matrícula: 20211020280154

Título do Trabalho: Pedagogia Histórico-Crítica e a Matemática: ensinando sistema monetário no 5º ano

Autorização - Marque uma das opções

1. Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso aberto);
2. Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG somente após a data ___/___/___ (Embargo);
3. Não autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso restrito).

Ao indicar a opção **2** ou **3**, marque a justificativa:

- O documento está sujeito a registro de patente.
 O documento pode vir a ser publicado como livro, capítulo de livro ou artigo.
 Outra justificativa: _____

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O/A referido/a autor/a declara que:

- I. o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- II. obteve autorização de quaisquer materiais inclusos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- III. cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

Jataí, 19 de Agosto de 2023.

Documento assinado digitalmente
gov.br LEON DE ASSIS SILVA
Data: 22/08/2023 21:00:52-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO IFG - ReDi IFG

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Digital (ReDi IFG), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IFG.

Identificação da Produção Técnico-Científica

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> Tese | <input type="checkbox"/> Artigo Científico |
| <input type="checkbox"/> Dissertação | <input type="checkbox"/> Capítulo de Livro |
| <input type="checkbox"/> Monografia – Especialização | <input type="checkbox"/> Livro |
| <input type="checkbox"/> TCC - Graduação | <input type="checkbox"/> Trabalho Apresentado em Evento |
| <input checked="" type="checkbox"/> Produto Técnico e Educacional - Tipo: PTT1 - Material didático/instrucional | |

Nome Completo do Autor: Vanderleida Rosa de Freitas e Queiroz

Matrícula: 271208

Título do Trabalho: Pedagogia Histórico-Crítica e a Matemática: ensinando sistema monetário no 5º ano

Autorização - Marque uma das opções

- Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso aberto);
- Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG somente após a data ___/___/___ (Embargo);
- Não autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso restrito).

Ao indicar a opção **2** ou **3**, marque a justificativa:

- O documento está sujeito a registro de patente.
 O documento pode vir a ser publicado como livro, capítulo de livro ou artigo.
 Outra justificativa: _____

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O/A referido/a autor/a declara que:

- o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- obteve autorização de quaisquer materiais inclusos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

Jataí, 19 de Agosto de 2023.



Documento assinado digitalmente
VANDERLEIDA ROSA DE FREITAS E QUEIROZ
Data: 22/08/2023 09:47:13-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais

PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA E A MATEMÁTICA: ensinando sistema monetário no 5º ano

*Leon de Assis Silva
Vanderleida Rosa de Freitas e Queiroz*

Produto Educacional apresentado à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação para Ciências e Matemática do Instituto Federal de Goiás/câmpus Jataí, como parte da dissertação intitulada: *Contribuições da Pedagogia Histórico-Crítica para o ensino-aprendizagem de sistema monetário brasileiro no Ensino Fundamental I*, para obtenção do título de Mestre em Educação para Ciências e Matemática.

Área de concentração: Ensino de Ciências e Matemática

Linha de pesquisa: Organização escolar, Formação docente e Educação para Ciências e Matemática

Sublinha de pesquisa: currículo e Avaliação

Autorizo, para fins de estudo e de pesquisa, a reprodução e a divulgação total ou parcial deste trabalho, em meio convencional ou eletrônico, desde que a fonte seja citada.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação na (CIP)

Silva, Leon de Assis.

Pedagogia Histórico-Crítica e a Matemática: ensinando sistema monetário no 5º ano: Produto Educacional vinculado à dissertação intitulada Contribuições da Pedagogia Histórico-Crítica para o ensino-aprendizagem de sistema monetário brasileiro no Ensino Fundamental I [manuscrito] / Leon de Assis Silva; Vanderleida Rosa de Freitas e Queiroz. -- 2023.

45 f.; il.

Produto Educacional (Mestrado) – IFG – Câmpus Jataí, Programa de Pós – Graduação em Educação para Ciências e Matemática, 2023.

Bibliografias.

1. Pedagogia Histórico-Crítica. 2. Sistema monetário. 3. Ensino Fundamental I. I. Freitas, Vanderleida Rosa de. II. IFG, Câmpus Jataí. III. Título.



LEON DE ASSIS SILVA

PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA E A MATEMÁTICA: ensinando sistema monetário no 5º ano

Produto educacional apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação para Ciências e Matemática do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – Câmpus Jataí, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação para Ciências e Matemática, defendido e aprovado, em 27 de junho de 2023, pela banca examinadora constituída por: **Prof.ª Dra. Vanderleida Rosa de Freitas e Queiroz** - Presidente da banca/Orientadora - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás - IFG; **Prof.ª Dra. Viviane Barros Maciel** - Membro Interno - Universidade Federal de Jataí – UFJ e **Prof.ª Dra. Laís Leni Oliveira Lima** - Membro Externo - Universidade Federal de Jataí – UFJ. A sessão de defesa foi devidamente registrada em ata que depois de assinada foi arquivada no dossiê do aluno.

(assinado eletronicamente)

Prof.ª Dra. Vanderleida Rosa de Freitas e Queiroz
Presidente da Banca (Orientadora - IFG)

(assinado eletronicamente)

Prof.ª Dra. Viviane Barros Maciel
Membro Interno (UFJ)

(assinado eletronicamente)

Prof.ª Dra. Laís Leni Oliveira Lima
Membro Externo (UFJ)

Documento assinado eletronicamente por:

- Laís Leni Oliveira Lima, Laís Leni Oliveira Lima - 234515 - Docente de ensino superior na área de pesquisa educacional - Ufj (35840659000130), em 31/07/2023 11:20:21.
- Viviane Barros Maciel, Viviane Barros Maciel - 234515 - Docente de ensino superior na área de pesquisa educacional - Ufj (35840659000130), em 27/07/2023 17:07:18.
- Vanderleida Rosa de Freitas e Queiroz, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 27/07/2023 16:34:40.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 04/07/2023. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifg.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 427093
Código de Autenticação: a74728c517



APRESENTAÇÃO

Este produto educacional é uma proposta de intervenção formativa, categorizado como PTT1, desenvolvida com uma turma do 5º ano do Fundamental I, numa escola urbana da rede municipal da cidade de Jataí-GO. Trata-se de uma proposta de ensino do sistema monetário brasileiro, integrante do componente curricular matemática, fundamentada na Pedagogia Histórico-Crítica (PHC), intrinsecamente vinculada à investigação, constituindo-se no objeto estudado. Com o produto, buscou-se compreender as contribuições da PHC no processo de ensino-aprendizagem da matemática no Ensino Fundamental I, como forma de subsidiar o trabalho pedagógico em uma perspectiva emancipadora. Os resultados possibilitaram a resposta ao problema de pesquisa, pelos quais se afirmou a possibilidade de ensinar matemática a partir de uma concepção de mundo crítica contra-hegemônica, tendo em vista a transformação tanto dos indivíduos como da sociedade capitalista, a despeito das práticas hegemônicas de caráter não-crítico que presidem o ensino nas escolas.

Atribui-se a este produto educacional destacada relevância social, ao abordar um conteúdo de importância para a prática social dos alunos desde a mais tenra idade. Atribui-se também ao produto relevância acadêmica e científica, ao possibilitar a terceiros o acesso ao conhecimento pedagógico e o uso da proposta em outros contextos escolares, cabendo a ressalva de que ela pode ser aplicada em qualquer turma do Ensino fundamental 1, desde que feitas as devidas adequações em observância à tríade conteúdo-forma-destinatário.

A formação social, ética e emancipadora, como é proposta na PHC, busca a emancipação intelectual do aluno e do professor. Para isso, faz-se necessário pensar o ensino de matemática, como de qualquer outro componente curricular, de modo que instrumentalize o aluno – pelo domínio do conhecimento elaborado e desenvolvimento de capacidades reflexivas – a atuar na prática social pela transformação de si mesmo e da realidade.

Com base nessa concepção pedagógica, propôs-se trabalhar o conteúdo sistema monetário brasileiro com alunos do 5º ano do Ensino Fundamental 1, levando em consideração algumas condições: para que o ensino de matemática se torne significativo e potência transformadora para os alunos, o professor deve investigar as dificuldades da turma e respeitar o ritmo de cada aluno; ao trabalhar o conteúdo, deve considerar que os conceitos da matemática sejam problematizados de acordo com a realidade dos alunos. Desse modo, ao trabalhar “compra e venda”, por exemplo, deve-se iniciar pela problematização do conceito,

relacionando o concreto com o abstrato de forma contextualizada. Ao se trabalhar o sistema monetário em sala de aula, deve-se contextualizá-lo, a fim de possibilitar a compreensão dos aspectos básicos do uso e controle do dinheiro, com vistas à formação ética e política das crianças.

Dentre as atividades desenvolvidas com o 5º ano, destaca-se o Mercadinho, proposta para a simulação de compra e venda de produtos. Essa atividade foi realizada ao final da proposta de intervenção, quando o professor “construiu” com os alunos um mini supermercado, com objetos etiquetados com preços altos e baixos e cédulas reproduzidas, levando os alunos a refletirem sobre os preços e se podem consumi-los ou não. Com essa atividade, os alunos puderam relacioná-la com suas vivências e apreender a importância da matemática na vida social. O professor confeccionou o dinheiro usado, diferenciando notas de moedas e também explicou aos alunos que o dinheiro compra produtos e serviços. Para simular o Mercadinho, o professor pediu aos alunos que trouxessem de suas casas produtos de embalagem vazia. O professor organizou o mercado e entregou para cada aluno uma quantia de dinheiro com o qual eles fizeram suas compras. A turma foi dividida em dois grupos: um para vender e outro para comprar os produtos. Depois fez-se o revezamento para que todos participassem da atividade.

Essa atividade permitiu reforçar na sala de aula alguns princípios sobre o uso do dinheiro, tais como: “dinheiro não compra felicidade, nem amigos e nem saúde”; “as coisas mais valiosas da vida não se conquistam através do dinheiro”; “há pessoas que são ricas de família, de amigos, de valores nobres, de consciência limpa, de caráter e de alegria”; “quando mal utilizado, o dinheiro pode ser fonte de problemas e infelicidade”; “ter controle do dinheiro é uma questão de qualidade de vida”; “desenvolver disciplina ao gastar e controlar os gastos para evitar dívidas”.

Com esta proposta objetivamos que os alunos do 5º ano compreendessem o conceito científico do sistema monetário brasileiro, considerando-o em suas múltiplas dimensões, a fim de adquirir uma consciência crítica acerca do tema, assumindo o compromisso efetivo para a transformação da realidade. Buscamos levá-los a compreender a função do uso do dinheiro na sociedade e aprender a contar cédulas a partir do valor que possuem, adquirindo noção de troco certo e troco errado e das atitudes a tomar quando receber um troco errado. Além disso, que desenvolvessem habilidade de organização dos produtos no Mercadinho, noção de preços, capacidade de decisão para comprar ou não determinado objeto, postura ética em relação ao consumismo.

Com este produto, buscamos, enfim, contribuir para que os alunos desenvolvessem uma visão concreta do mundo, que lhes permitisse atuar pela transformação da realidade e pela construção de uma sociedade firmada em valores éticos, solidários e emancipadores.

A PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA E SEUS FUNDAMENTOS TEÓRICOS-METODOLÓGICOS

A teoria pedagógica que fundamenta esta proposta é a Pedagogia Histórico-Crítica (PHC), uma pedagogia revolucionária comprometida com a “socialização dos conhecimentos cientificamente elaborados e comprovados, num trabalho educativo direcionado e intencional, que possibilite reconhecer a objetividade, universalidade e o caráter histórico do conhecimento” (GIARETTON; MAZARO; OTANI, 2016, p. 265). Essa pedagogia, foi formulada pelo professor Dermeval Saviani, a partir do final da década de 1970, com fundamento no materialismo histórico-dialético,

a partir da crítica ao capital e aos interesses da burguesia na educação, defende que *a escola deve lutar a favor da camada trabalhadora, contribuindo para sua emancipação*. Ela busca evitar que a escola seja apropriada e articulada com os interesses dominantes e procurando compreender a educação no contexto da sociedade humana, e como ela está organizada e reconhecendo a possibilidade de se articular uma proposta pedagógica cujo compromisso seja a transformação da sociedade (OLIVEIRA, 2021, p. 17, grifo nosso).

A PHC está comprometida com a formação social, ética e emancipadora do aluno e do professor. Nesse sentido, todo ensino deve estar voltado para a transformação tanto do aluno como da realidade histórica, de modo a promover o “domínio dos conteúdos científicos, os métodos de estudo, habilidades como modo de formar a consciência crítica face à realidade social, instrumentalizando o homem como sujeito da história, apto a transformar a sociedade e a si próprio” (DOMINSCHEK; SILVA; SOUZA, 2016, p. 111).

Com base nesse pressuposto, esta proposta pedagógica versou sobre o ensino da *matemática financeira*, tendo como conteúdo o *sistema monetário*. As atividades planejadas foram respaldadas na teoria histórica-crítica, visando à formação de uma consciência real do mundo de trabalho, do qual o sistema monetário, mais especificamente, o dinheiro, faz parte. Escolhemos esse conteúdo por tratar-se de um conhecimento que está presente na vida das crianças desde cedo, seja participando das conversas dos adultos sobre o assunto, seja lidando

com questões que envolvem esse conhecimento nas suas práticas cotidianas. A escolha da teoria que fundamenta a ação pedagógica se deu por ela propor um enfoque de transformação. Ao apresentar uma visão crítica da sociedade do capital, contribui para desvelar a aparência da realidade vivenciada pelos alunos, ajuda a modificar o olhar sobre a realidade capitalista e propicia que os alunos vejam a realidade tal como ela é e transformem sua visão de mundo pela criticidade.

Para que o ensino de matemática se torne potência transformadora aos alunos, o professor deve planejar a prática pedagógica, considerando a tríade conteúdo-forma-destinatário, “a pressupor o que vai ser ensinado, como o será, a vista daquele a quem se ensina” (MARTINS, 2016, p. 5).

Isto significa intencionalidade no ato de ensinar, pois levando em conta esta tríade, o professor, para promover o desenvolvimento de seus alunos, necessita: dominar os conteúdos a serem ensinados, tendo ciência que tais conteúdos não devem se restringir a aspectos fortuitos e cotidianos, portanto, trata-se de conteúdos científicos, artísticos e filosóficos; conhecer a zona de desenvolvimento real e iminente dos aprendizes, ou seja, aquilo que o aluno já domina e o que ainda está em vias de formação; e por último, pesquisar e/ou criar a melhor forma para ensinar, tendo em vista o que e a quem, ou seja, o que (conteúdo) deve ser ensinado e as especificidades do desenvolvimento e necessidades de aprendizagem de quem aprende (destinatário) (MARTINS; CARVALHO; DANGIO, 2018, 345).

Assim, ao trabalhar o conteúdo, deve-se considerar que os conceitos da matemática sejam problematizados de acordo com a realidade dos alunos. Conforme Lima; Poersch e Emmel (2020, p. 4):

Acredita-se que o professor poderá promover um ensino contextualizado, que considere problemas da realidade e do cotidiano dos estudantes, tornando o ensino da Matemática mais significativo, que investigue as dificuldades dos estudantes e que promova aprendizagens, considerando que cada um tem um ritmo e formas diferentes de aprender, para assim, desenvolver de forma correta suas capacidades e fazer um ensino de qualidade.

No planejamento da proposta, a metodologia de ensino foi organizada didaticamente, considerando os cinco momentos do previstos pela Pedagogia Histórico-Crítica: a *prática social inicial*, a *problematização*, a *instrumentalização*, a *catarse* e a *prática social final*.

Saviani (1999), em sua elaboração inicial, e Gasparin (2013), na apropriação dela, utilizam o termo “passos” para se referir ao processo didático todo. No entanto, outros autores

(LAVOURA, 2017; OLIVEIRA, 2021; e TURINI, 2020) têm utilizado o termo “momentos” para evitar-se uma interpretação distorcida que leve a identificar os passos a um modelo linear e unilateral e a própria PHC como mais uma pedagogia tecnicista. Portanto, mantendo a perspectiva de Saviani (1999), utilizaremos o termo momentos para designar as etapas que compõem o processo didático-pedagógico do ensino, os quais correspondem a um conjunto em movimento

articulado de fundamentos lógicos, os quais alicerçam toda a organização e o desenvolvimento do trabalho educativo com vistas a orientar o agir de professores na apreensão das múltiplas determinações constitutivas da dinâmica, da processualidade e das contradições da relação entre o ensino e a aprendizagem, em procedimento de ensino (MARSIGLIA; MARTINS; LAVOURA, 2019, p. 120).

Compreende-se, então, que não existe um início e nem um fim vinculado aos momentos didáticos, pois, na medida em que se vive socialmente, a prática social “está sempre presente em todo o processo de construção do conhecimento e do pensamento, assim como a problematização, a instrumentalização, a catarse” (OLIVEIRA, 2021, p. 44). Como são entendidos esses momentos na PHC e como eles foram traduzidos na prática pedagógica aqui proposta?

A *prática social inicial* é entendida como o ponto de partida e o ponto de chegada do trabalho educativo, momento em que o aluno apresenta sua vivência e experiência sobre o conteúdo a ser trabalhado em sala de aula.

Considerando a prática social – ponto de partida e ponto de chegada do trabalho educativo para a pedagogia histórico-crítica – um conjunto de complexos articulados que constituem uma totalidade social (um complexo de complexos), exige-se do professor a apreensão consciente dos dados constitutivos dessa realidade e de suas ricas mediações e relações entre os complexos que a formam em uma totalidade única e orgânica: a totalidade da vida social. (LAVOURA; MARTINS, 2017, p. 537).

Para além do exposto, a prática social inicial com os alunos é entendida por Saviani (2015), a considerar que:

É preciso manter sempre presente o caráter dialético do processo educativo em sua relação com a prática social. Sendo mediação no interior da prática social, isso significa que a educação se põe objetivamente como uma modalidade da própria prática social. Portanto, é preciso evitar a interpretação formal e mecânica dessa relação. Ou seja: é uma leitura equivocada aquela que consideraria que a atividade educativa parte da prática social no sentido de que os educandos se encontram atuando na prática social e diante dos problemas enfrentados (entenda-se aqui os problemas em sua acepção

própria, isto é, algo que precisa ser resolvido) eles saem da prática e iniciam a atividade educativa para realizar os estudos necessários para compreendê-la após o que, uma vez tendo uma nova compreensão, voltam à prática para desenvolvê-la com uma nova qualidade. Na verdade, sendo a educação uma modalidade da própria prática social, nunca se sai dela. Assim, os educandos permanecem na condição de agentes da prática que, pela mediação da educação, logram alterar a qualidade de sua prática tornando-a mais consistente, coerente e eficaz em relação ao objetivo de transformação da sociedade na luta contra a classe dominante que atua visando a perpetuação dessa forma social. *Trata-se, enfim, de um mesmo e indiviso processo que se desdobra em seus momentos constitutivos. Não se trata de uma sequência lógica ou cronológica; é uma sequência dialética. Portanto, não se age primeiro, depois se reflete e se estuda, em seguida se reorganiza a ação para, por fim, agir novamente. Trata-se de um processo em que esses elementos se interpenetram desenrolando o fio da existência humana na sua totalidade.* (SAVIANI, 2015, p. 38-39, grifos nossos).

A respeito da condição dos alunos relativamente ao conteúdo a ser trabalhado, no ponto de partida, eles apresentam uma visão sincrética. Acerca dessa constatação, segundo Turini (2020, p. 89, grifos nossos):

a mediação educativa em tempos e espaços escolares considera como premissa que *o aluno possui uma visão sincrética da realidade, ou seja, uma visão simplista e imediata. Depois que ele se apropria de conhecimentos sistematizados, a visão do aluno para a mesma realidade passa a ser sintética, isto é, elaborada e aprimorada.* A mediação educativa não muda a realidade social, mas tem condições de mudar o olhar dos alunos. São esses indivíduos, munidos de conhecimentos sistematizados, que são capazes de mudar a realidade social. *Como o objetivo da mediação educativa é fazer o aluno passar de uma visão sincrética a uma visão sintética da realidade, é preciso dialogar com as diferentes dimensões da prática social.* De maneira dialética, é preciso que a prática social seja utilizada ora como elemento de aproximação do conhecimento sistematizado, ora como elemento para sua ampliação; ora como elemento de conhecimento da realidade, ora como elemento para seu reconhecimento.

As diferentes dimensões mencionadas pelo autor vinculam-se ao saber *conceitual, social, econômico, ético e político* do conteúdo. Todas essas dimensões bem como “os elementos culturais que a escola apresenta em suas diferentes áreas de conhecimento, precisam atender a realidade em sua totalidade, tendo em vista o movimento e contradição existente na realidade concreta” (LAVOURA; MARTINS; MARSIGLIA, 2019, p. 7).

Acerca da relação professor e aluno,

O professor, de um lado, e os alunos, de outro, encontram-se em níveis diferentes de compreensão (conhecimento e experiência) da prática social. Enquanto o professor tem uma compreensão que poderíamos denominar de

“síntese precária”, a compreensão dos alunos é de caráter sincrético. A compreensão do professor é sintética porque implica uma certa articulação dos conhecimentos e das experiências que detém relativamente à prática social. Tal síntese, porém, é precária, uma vez que, por mais articulados que sejam os conhecimentos e as experiências, a inserção de sua própria prática pedagógica como uma dimensão da prática social envolve uma antecipação do que lhe será possível fazer com os alunos cujos níveis de compreensão ele não pode conhecer, no ponto de partida, senão for de forma precária. Por seu lado, a compreensão dos alunos é sincrética uma vez que, por mais conhecimentos e experiências que detenham, sua própria condição de alunos implica uma impossibilidade, no ponto de partida, de articulação da experiência pedagógica na prática social que participam. (SAVIANI, 1999, p. 80, grifos do autor).

Trata-se, portanto, de um movimento de transformação de todos os sujeitos, professor e aluno. Ambos mudam o estatuto de conhecimento que possuíam no início do processo relativamente à prática social final.

O segundo momento, o da *problematização*, é aquele em que se inicia o trabalho com o conteúdo sistematizado, o trânsito da prática para a teoria e vice-versa. É o momento da “identificação dos principais problemas postos pela prática social. Trata-se de detectar questões que precisam ser resolvidas no âmbito da prática social e, em consequência, que conhecimento é necessário dominar” (SAVIANI, 1999, p. 80). Nessa fase são levantadas situações-problema que estimulam o raciocínio dos alunos; é o momento de questionar a realidade posta pela prática social inicial deles, a fim de que problematizem aspectos da prática que lhes pareçam carentes de alguma solução.

Sob essa ótica, a problematização é o momento em que a prática social é analisada, interrogada, confrontando-se o que se sabe com o que precisa saber para as soluções aos problemas da ordem da prática social mais ampla. Marsiglia; Martins e Lavoura (2019) elucidam que:

Problema não é sinônimo de pergunta, dúvida ou aquilo que se desconhece. Ao analisar um fenômeno, observaremos nele uma concretude apenas aparente. É preciso captar sua essência; ultrapassar a cortina de fumaça para conhecer de fato o fenômeno. Aquilo que necessitamos conhecer em essência, isso sim é verdadeiramente problema. [...] A ideia de problematização apresenta-se, portanto, como atendimento às necessidades postas pela prática social que, em anuência ao método materialista histórico-dialético, não se identifica como o entorno social mediato e particular. (MARSIGLIA; MARTINS; LAVOURA, 2019, p. 131).

De acordo com Saviani (1999), o método didático pedagógico que busca a transformação da prática social pressupõe que:

um professor de história ou de matemática, de ciências ou estudos sociais, de comunicação e expressão ou literatura brasileira etc. têm cada um uma contribuição específica a dar, em vista da democratização da sociedade brasileira, do atendimento aos interesses das camadas populares, da transformação estruturada sociedade. *Tal contribuição consubstancia-se na instrumentalização, isto é, nas ferramentas de caráter histórico, matemático, científico, literário, etc., cuja apropriação o professor for capaz de compreender os vínculos de sua prática com a prática social global.* Assim, a instrumentalização desenvolver-se-á como decorrência da problematização da prática social, atingindo o momento catártico que concorrerá na especificidade da matemática, da literatura etc., para alterar qualitativamente a prática de seus alunos como agentes sociais. Insisto neste ponto porque, em geral, *há a tendência a desvincular os conteúdos específicos de cada disciplina das finalidades sociais mais amplas.* Então, ou se pensa que os conteúdos valem por si mesmos sem necessidade de referi-los à prática social em que se inserem, ou se acredita que os conteúdos específicos não têm importância. [...] (SAVIANI, 1999, p. 89, grifos nossos).

É dessa forma que o professor se torna um “instrumentalizador”, ao ensinar conteúdos que permitam o desenvolvimento crítico dos alunos a respeito das questões sociais e culturais que o cercam, concedendo-lhes condições necessárias para que eles sejam sujeitos da sua própria história.

Com isso, passamos ao terceiro momento, o da *instrumentalização*, que, segundo Marsiglia, Martins e Lavoura (p. 363-364), “refere-se aos conteúdos a serem disponibilizados aos alunos e a forma como são abordados para que efetivamente se tornem instrumentos da prática social.” É quando o professor lhes apresenta o conhecimento científico acerca do conteúdo estudado. “Trata-se da apropriação pelas camadas populares das ferramentas culturais necessárias à luta social que travam diuturnamente para se libertar das condições de exploração em que vivem” (SAVIANI, 1999, p. 81). O momento da instrumentalização trata de dar condições aos alunos de se apropriarem “dos instrumentos teóricos e práticos necessários ao equacionamento dos problemas detectados na prática social” (SAVIANI, 1999, p. 81).

Como já destacado, uma problematização advém da prática social. Mas ao problematizar, podemos nos deparar com a necessidade de outras problematizações. Essas problematizações – iniciais ou derivadas –, terão como imperativo novas instrumentalizações. Mas ao mesmo tempo, se surge a necessidade de uma nova problematização, isso significa que a instrumentalização em pauta produziu avanço no domínio dos alunos em relação ao conteúdo, o que já expressa catarse. (MARSIGLIA; MARTINS; LAVOURA, 2019, p. 19).

Ainda segundo os autores,

Se a problematização tem sentido como questões da prática social que precisam ser resolvidas, e se na escola tomamos a transmissão de conhecimentos como premissa da transformação da prática social, são as leis do ser do objeto de estudo, ou seja, do conteúdo de ensino – em suas formas ontológicas – transformado em leis do pensamento, que se convertem em método de ensino. *Se a prática social é tomada como ponto de partida e de chegada da prática pedagógica e se a problematização se identifica com as necessidades postas pela prática social, cabe agora explicitar a instrumentalização como central no processo de ensino. A instrumentalização refere-se aos conteúdos a serem disponibilizados aos alunos e a forma como são abordados para que efetivamente se tornem instrumentos da prática social.* (MARSIGLIA; LAVOURA, 2015, p. 363-364, grifos nossos).

Conforme depreendemos do exposto, o elemento central da didática da Pedagogia Histórico-Crítica configura-se na socialização do conhecimento e do trabalho educativo pautado pela dialética, pela organização e intencionalidade da sistematização dos conteúdos “como forma de produzir, direta e intencionalmente, em cada aluno singular, o domínio dos conhecimentos plenamente desenvolvidos pela humanidade ao longo da história” (LAVOURA; MARSIGLIA, 2015, p. 363), visando à humanização e à emancipação integral e plena dos alunos.

Turini (2020, p. 93) afirma que o momento da problematização e instrumentalização são unitários, e “não se pode cair no equívoco de distingui-los e acabar fragmentando-os dentro da mediação educativa. São momentos, não passos! Quando se problematiza, pode-se estar instrumentalizando e vice-versa”. Segundo o autor, o resultado dessa relação imbricada é a produção do momento catártico.

Com efeito, a pedagogia histórico-crítica vem lutando para que se tenha, ainda nesta forma de sociedade, a máxima efetivação das possibilidades de ensino e aprendizagem dos conteúdos escolares. [...] A *catarse*. A atividade de estudo permite aos alunos reproduzirem idealmente os objetos de estudos reais, já existentes na realidade objetiva. Não se cria ou se constrói um objeto de ensino, mas sim se reproduz o objeto de ensino o qual possui existência objetiva. (LAVOURA; MARSIGLIA, 2015, p. 363-366).

Na *catarse*, o quarto momento, o aluno elabora o conhecimento de forma a superar o senso comum, manifestando entendimento do conhecimento científico pela apropriação de conceitos, procedimentos e atitudes. Saviani (1999) elucida que:

Adquiridos os instrumentos básicos, ainda que parcialmente, é chegado o momento da expressão elaborada da nova forma de entendimento da prática social a que se ascendeu. Chamemos esse quarto passo de catarse, entendida na acepção gramsciana de “elaboração superior da estrutura em superestrutura na consciência dos homens”. Trata-se da efetiva incorporação dos instrumentos culturais, transformados agora em elementos ativos de transformação social. (SAVIANI, 1999, p. 81, grifos do autor).

Logo, o momento catártico configura-se na expressão da aprendizagem dos conteúdos pelo aluno, ou seja, é na catarse que fica evidente a assimilação do conhecimento por ele.

a catarse é que criaria espaço para novas problematizações e instrumentalizações. E dessa forma, o trabalho pedagógico se efetiva visando que os conteúdos mais desenvolvidos sejam transmitidos das melhores formas para todos os indivíduos, de sorte que tais conteúdos sejam incorporados à sua subjetividade e orientem suas ações na realidade concreta. Destarte, a catarse não é sinônimo de avaliação pontual do conteúdo ensinado, haja vista que não haverá uma catarse por conteúdo ou por aula ministrada. O processo de catarse, em seus vínculos com a pedagogia histórico-crítica, aponta na direção do produto que se almeja por meio do processo de ensino, e visa destacar o papel da educação escolar na transformação dos indivíduos, tendo-se por transformação a lenta e gradual superação dos limites das formas precedentes de ser e agir. (MARSIGLIA; MARTINS; LAVOURA, 2019, p. 19).

Por fim, a *prática social final* é o ponto de chegada, o momento em que o aluno e professor apresentam mudanças em seu entendimento da realidade, respaldado no conhecimento científico e em sua prática social como sujeitos históricos. É o momento em que o aluno, ao ascender à compreensão crítica de sua realidade, pode atuar nela, modificando-a. Conforme Saviani (1999, p. 82, grifos do autor):

a prática social inicial e final são as mesmas, embora não o seja. É a mesma enquanto se constitui “o suporte e o contexto, o pressuposto e o alvo, o fundamento e a finalidade da prática social. E não é a mesma, se considerarmos que o modo de nos situarmos em seu interior se alterou qualitativamente pela mediação da ação pedagógica [...]”. Professor e alunos se modificaram intelectual e qualitativamente em relação às suas concepções sobre os conteúdos que reconstruíram, passando de um estágio de menor compreensão científica, social e histórica a uma fase de maior clareza e compreensão.

Nesse momento, dialeticamente, o professor e os alunos trazem uma nova proposta de ação a partir dos conteúdos que foram apreendidos. Destaca-se que o “sistema monetário” é

um assunto de importância para a prática social dos alunos, pois é comum crianças e adolescentes manusearem moedas e cédulas, seja para juntá-las em um cofrinho ou para comprar o lanche da escola. A partir dessa realidade social dos alunos, é importante que eles reconheçam as cédulas que compõem o sistema monetário do nosso país. Assim, aos poucos, assimilam de forma crítica o porquê da troca de moedas por objetos ou até mesmo por trabalho para conseguir manter os itens básicos de sobrevivência do cotidiano, como água, energia, aluguel ou até mesmo a prestação da casa própria.

Desde a infância é importante conscientizá-los de que o dinheiro faz parte da vida de todas as pessoas e que, para se contrapor ao modelo explorador da sociedade capitalista, deve ser adquirido de forma consciente e ética. Analisando criticamente como a nossa sociedade lida com o dinheiro (capital), que é apropriado por uma parcela da população que não produz riqueza, o estudo da matemática financeira pode permitir a compreensão dessa contradição que é fundamental. O dinheiro na sociedade capitalista configura-se como instrumento de troca de bens materiais, culturais, simbólicos produzidos pelo trabalho, que, por sua vez, se configura como elemento central da atividade humana. Conforme Netto e Braz (2007, p. 29):

O trabalho é muito mais que um tema ou um elemento teórico da Economia Política. De fato, trata-se de uma categoria que, além de indispensável para a compreensão da atividade econômica, faz referência ao próprio modo de ser dos homens e da sociedade. [...] é ele que torna possível a produção de qualquer bem, criando os valores que constituem a riqueza social.

O trabalho é visto, desse modo, como a base de toda a atividade humana, portanto é fundamental entendê-lo desde a infância, pois se refere diretamente ao homem, que é um ser histórico e que está vinculado com a sociedade. Em Marx temos a compreensão de trabalho, atividade por meio da qual o ser humano se humaniza.

Antes de tudo, o trabalho é um processo entre o homem e a Natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a Natureza. Ele mesmo se defronta com a matéria natural como uma força natural. Ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporalidade, braços e pernas, cabeça e mão, a fim de apropriar-se da matéria natural numa forma útil para sua própria vida. Ao atuar, por meio desse movimento, sobre a Natureza externa a ele e ao modificá-la, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza. Ele desenvolve as potências nela adormecidas e sujeita o jogo de suas forças a seu próprio domínio (MARX, 1996, p. 127).

Nessa lógica, o que distingue o homem dos outros animais é o próprio trabalho. Para que se realize, “é necessário ser criativo, pensado, planejado e orientado a finalidade determinada de antemão” (QUEIROZ, 2018, p. 15). Com base nessa ideia, o trabalho educativo deve ser planejado e orientado para o alcance de finalidades de transformação individual e social. Como forma de ação e intervenção humana na prática social dos alunos, atua para que os alunos do 5º ano compreendam a função do uso do dinheiro na sociedade capitalista, aprendam contar cédulas a partir do valor que possuem, tenham noção de troco certo e troco errado e aprendam a agir eticamente mediante um troco errado. Além disso, que esses alunos desenvolvam noção de preços e de consumo, de forma a decidir comprar ou não determinado objeto.

Nesse sentido, o conhecimento matemático trabalhado numa perspectiva crítica possibilita aos alunos compreenderem as relações sociais de forma crítica e emancipadora, contribuindo para a superação da alienação social.

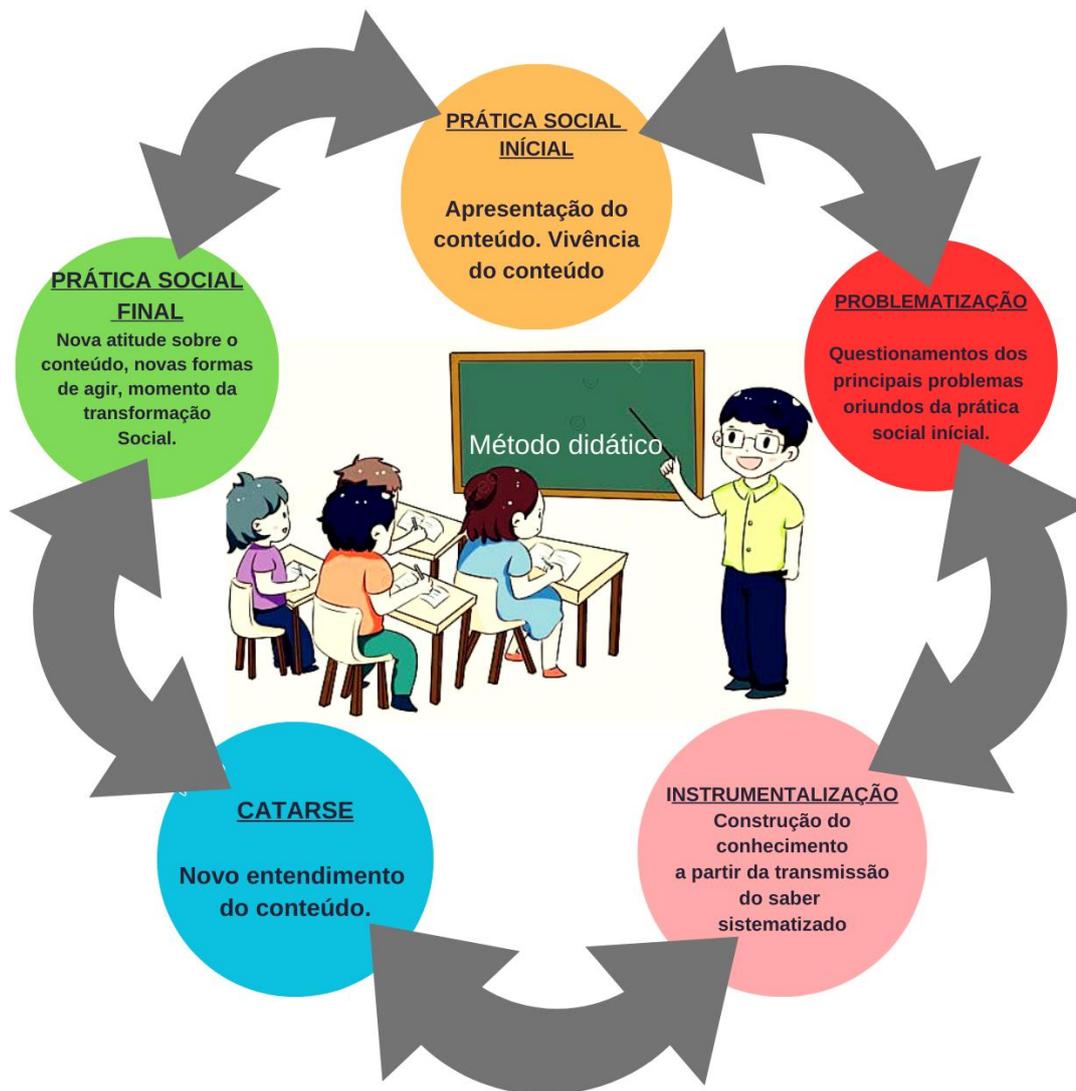
O processo emancipatório do cidadão crítico e matematicamente alfabetizado poderá ocorrer a partir da sua formação de consciência política e da compreensão das relações matemáticas e sua contextualização, proporcionando a ligação entre o conhecimento que a educação matemática proporciona com a criticidade social e política necessária para compreender sua posição como oprimido e ter condições de libertar-se dela (PIZZOLATTO; PONTAROLO; BERNARTT, 2020, p. 312).

Dessa forma, trabalhar o conteúdo sistema monetário brasileiro no processo formativo dos alunos de 5º ano do Ensino Fundamental 1, respaldado no método da PHC, possibilita educar o sujeito para a cidadania revolucionária, num viés de emancipação, possibilitando o entendimento da sociedade capitalista em uma perspectiva crítica. Em relação ao método didático:

É válido ressaltar que os passos propostos não devem ser compreendidos como algo que será seguido de forma linear ou cronológica, mas “é mais apropriado falar aí de momentos articulados num mesmo movimento, único e orgânico”. Não se deve, portanto, incidir no equívoco de que o momento catártico só acontecerá ao final do processo de ensino, devendo ficar claro que durante todo o processo de ensino pode e deve ocorrer assimilação e expressão do conhecimento pelos alunos (SANTOS, 2018, p. 55, grifos da autora).

Reiteramos, então, que esses momentos não se dão de forma linear ou estanque, mas de forma processual, dialética, e por superação de um estágio do conhecimento a outro. São

momentos em movimentos, indo e vindo mediando o conhecimento científico aos alunos, tal como pode ser visto na Figura a seguir:



Fonte: Elaborado pelo pesquisador

Nesse método didático, o professor tornará sua prática pedagógica potência transformadora, dando condições aos alunos de compreenderem a sua realidade a partir da sua prática social inicial, saindo do senso comum ao senso crítico.

A seguir, apresentamos a proposta, tal qual foi planejada e executada, ensejando que ela possa ser utilizada por professores que desejem atuar como agentes de transformação social pela mediação do ensino.

**PROPOSTA DE INTERVENÇÃO FORMATIVA À LUZ DA PEDAGOGIA
HISTÓRICO CRÍTICA**

PLANO DE ENSINO

INSTITUIÇÃO: Escola Municipal Professor Geraldo Venério de Carvalho

TEMA: Educação financeira **Subtema:** Sistema monetário

DISCIPLINA: Matemática **CH:** 6H

PERÍODO AÇÃO: De 20/06/2022 à 24/06/2022 – 7 aulas – 50 min cada.

SÉRIE/TURMA: 5º ano do Ensino Fundamental I

PROFESSOR PESQUISADOR: Leon de Assis Silva

QUADRO DE HORÁRIOS DA INTERVENÇÃO

1º AULA - 20/06/2022 (Segunda-feira) - 2 aulas	13h – 14h40 - 1:40 min
2º AULA - 21/06/2022 (Terça-feira) - 1 aula	13h – 13h50 - 50 min
3º AULA - 22/06/2022 (Quarta-feira) - 1 aula	13h – 13h50 - 50 min
4º AULA - 23/06/2022 (Quinta-feira) - 1 aula	13h – 13h50 - 50 min
5º AULA - 24/06/2022 (Sexta-feira) - 2 aulas	13h – 14h40 - 1:40 min
TOTAL :	7 AULAS C H: 6H

CONTEÚDO:

1. Surgimento e desenvolvimento do dinheiro na sociedade capitalista
2. Trabalho na sociedade capitalista
3. Conceito da palavra Capital
4. História da moeda utilizada em nosso país: sistema monetário
5. Noções sobre sociedade e trabalho
6. Cálculo do dinheiro
7. Aquisição e uso do dinheiro
8. História do dinheiro e seus usos na sociedade capitalista

OBJETIVOS

Objetivo Geral

- Compreender o conceito científico do sistema monetário, considerando-o em suas múltiplas dimensões, a fim de adquirir uma consciência crítica acerca do tema, assumindo o compromisso efetivo para a transformação da realidade.

Objetivos específicos

- conhecer a história do surgimento e desenvolvimento do dinheiro na sociedade capitalista;
- compreender o conceito de trabalho na sociedade capitalista associado ao dinheiro;
- compreender o conceito da palavra “capital” (dinheiro);
- compreender a história da moeda utilizada em nosso país;
- compreender questões acerca de sociedade e trabalho, tais como conceitos de remuneração e força de trabalho, superando o senso comum e se aproximando de uma visão crítica acerca da realidade social;
- desenvolver o raciocínio lógico por meio das operações de adição e subtração;
- desenvolver noções cognitivas e éticas acerca de troco certo e troco errado, preços e consumismo;
- entender as questões éticas envolvendo aquisição e uso do dinheiro;
- refletir acerca do poupar dinheiro, consumo exagerado, sobretudo ao gasto que tiveram com o dinheiro que os pais ou até mesmo os alunos conseguiram com a força do trabalho;
- compreender a história do dinheiro e como o salário é obtido;
- entender como funciona o sistema monetário numa perspectiva crítica;
- compreender o valor que tem o dinheiro na sociedade do capital e tomar decisões acerca de seu uso.

O ponto de partida de todas as aulas é a prática social, o saber/conhecimento que os alunos já possuem, ou seja, os conhecimentos prévios acerca do sistema monetário, momento em que eles trazem a expressão da vida concreta e particular deles. Supondo-se que é o primeiro contato dos alunos com o conceito, a prática social inicial é um momento de contextualização do conteúdo em relação à sociedade de que



fazem parte os alunos.

PRIMEIRA AULA – DIA 20 DE JUNHO – 2 AULAS/1H 40MIN

Conteúdo: Surgimento e desenvolvimento do dinheiro na sociedade capitalista

Objetivo: - conhecer a história do surgimento e desenvolvimento do dinheiro na sociedade capitalista.

Recursos: datashow; texto; atividades impressas.

Avaliação: observação; debate; participação.

Desenvolvimento da aula:

1) O professor iniciará a atividade dialogando com os alunos sobre o que eles sabem a respeito do sistema monetário brasileiro, sobretudo, o que eles sabem sobre o dinheiro como “capital” (mas sem falar no conceito ainda).

Alguns questionamentos poderão ser feitos:

- Quem já trocou alguma coisa com o colega da sala ou outro amigo? Por exemplo: uma figurinha por uma bala; um chocolate por um picolé, dentre outros.
- O que você achou da troca?
- Alguém teve vantagem ou desvantagem na troca?
- Será que a troca de objetos acontecia em outras épocas? Em um tempo muito distante do nosso?
- Como surgiu o dinheiro? Para que serve?
- E o dinheiro, será que ele sempre existiu? Quando surgiu o dinheiro?
- Quem sabe o que significa sistema monetário?
- Como é representado o nosso dinheiro?
- Quais são as cédulas do dinheiro brasileiro?
- Quais são as moedas do dinheiro brasileiro?
- Qual a importância do dinheiro?
- Alguém sabe ou imagina o que seja “capital”?
- Essa palavra tem a ver com a capital do Brasil?
- Quem mora na capital será que é capitalista?
- Como o dinheiro está presente no nosso cotidiano?
- Como é chamada a moeda de alguns países?

- Quando mal utilizado, o dinheiro pode ser fonte de problemas e infelicidade?
- É fácil ganhar dinheiro?
- É importante desenvolver disciplina ao gastar e controlar os gastos para evitar dívidas?
- O que vocês gostariam de saber acerca do uso do dinheiro?
- Para que serve a força do trabalho?
- Os pais de vocês trabalham, né? O dinheiro que eles ganham dá para comprar um carro?

Diante do debate, o professor deverá deixar claro que o conteúdo tem múltiplos aspectos a serem explorados, ou seja, tratou do assunto de forma interdisciplinar, definindo as dimensões do conteúdo que foram trabalhados com os alunos, sendo elas: conceitual, cognitiva, ética, política etc..

2) Após esses levantamentos acerca do que eles sabem a respeito do sistema monetário brasileiro, sobretudo, o que eles sabem sobre o dinheiro como “capital”, mas sem falar em capital ainda, entregar aos alunos uma cópia impressa do texto “O dinheiro”. Solicitar-lhes fazer a leitura silenciosamente e sublinhar as palavras que não souberem o significado. Em seguida, solicitar que leiam em voz alta, seguindo a ordem da fileira.





Fonte: pedagogicos.blogspot.com ¹

Para complementar o conteúdo, utilizando outro suporte, o professor passará um vídeo sobre a “história do dinheiro” que se encontra disponível em²

¹ Disponível em: (1161) Pinterest. Acesso em: 10 de Mai de 2022.

² <https://www.youtube.com/watch?v=iZUPPyxIN1A>.

Ao finalizar a leitura e o vídeo, o professor entregará algumas atividades para serem feitas no caderno.

Após ler o texto “O dinheiro” responda:

- a) Antes de existir o dinheiro em forma de moeda, como as pessoas obtinham as coisas de que precisavam? (Por meio de trocas de uma mercadoria por outra)
 - b) O que é mercadoria?
 - c) (Situação hipotética) 5º ano, vamos imaginar que Ingrid tem muitos adesivos e Angélica tem vários lápis. Durante uma de suas brincadeiras, elas resolveram trocar adesivos por alguns lápis. O que Ingrid e Angélica fizeram é chamado de _____.
(Escambo)
 - d) O que é escambo?
 - e) O que é salário?
 - f) Com a leitura do texto e ao assistir o vídeo sobre “O dinheiro” descobrimos que, no tempo em que não existia o dinheiro, as pessoas faziam entre elas trocas de mercadorias, objetos, alimentos e animais. Hoje usamos o dinheiro para obtermos as coisas que mais precisamos. Cite essas coisas: (alimentação, vestuário, remédios, calçados, materiais escolares, dentre outras).
- 3) Após essa atividade, a avaliação será feita por meio de um debate acerca das questões que os alunos responderam: com base no que vocês estudaram, o que ficou evidente no texto? Como era o dinheiro antigamente? Como as pessoas obtinham as coisas/objetos? O que é mercadoria? Escambo? O que é salário? Que palavra é essa?

SEGUNDA AULA: DIA 20/06/2022

Conteúdo: Trabalho na sociedade capitalista e conceituação da palavra “capital”

Objetivos: - compreender o conceito de trabalho na sociedade capitalista associado ao dinheiro;
- compreender o conceito da palavra “capital” (dinheiro).

Recursos: datashow; livro literário; atividades impressas.

Avaliação: observação; participação; pesquisa sobre o dinheiro.

Desenvolvimento da aula:

- 1) O professor utilizará materiais motivadores que demonstrarão como o tema está presente na prática social dos alunos. Neste dia, utilizará o livro literário intitulado “O Capital para

crianças”, de Joana R. Riera. Nessa etapa é importante o professor fazer registros sobre as percepções dos alunos, sobretudo verificar o que eles gostariam de saber acerca do tema.



Fonte: o capital para crianças - Bing images

O livro trata da história da luta dos trabalhadores, editado pela Editora Boitempo, em celebração ao bicentenário de Karl Marx, nascido em 1818, com o intuito de apresentar as ideias do filósofo alemão aos pequenos. O livro explica de forma acessível e divertida a obra mais importante do filósofo alemão e suas contribuições para a história, para a política e para a sociedade.

O professor lerá o livro para as crianças. Ao finalizar a leitura, promoverá um debate com as crianças, a partir do seguinte questionamento:

- O que será que significa Capital?
- Como vocês observam os adultos que trabalham na sua casa: quem aqui os pais são empregados?
- Qual diferença de quem tem um Mercadinho e quem é empregado?
- E se os trabalhadores montassem uma fábrica sem o dono, você acha que isso seria possível hoje? Como funcionariam?

- No fim da historinha, o dono da empresa concordou em aumentar os salários dos trabalhadores e diminuir as horas de trabalho para dividir o lucro com os funcionários. Vocês acham justo?

A essa problematização, os alunos serão levados a apresentar dúvidas e a relacioná-las com as questões feitas na primeira aula. O professor deverá saná-las, por meio da transmissão do conteúdo sistematizado em múltiplas dimensões: conceitual, histórica, social etc. Nessa transmissão, articulará problematização e instrumentalização.

Conceitual: O que é Sistema monetário?

Histórica: Como surgiu o dinheiro? Como as pessoas utilizavam o dinheiro antigamente?

Social: Quais os lugares que mais trabalham com o dinheiro na sociedade? Onde e para que utilizamos o dinheiro?

Econômica: ter controle do dinheiro é uma questão de qualidade de vida? É importante desenvolver disciplina ao gastar e controlar os gastos para evitar dívidas?

Essas questões poderão ser debatidas por meio de uma roda de conversa, na qual o professor e os alunos refletirão sobre elas.

- 2) Após a reflexão, apresentar a tirinha da Mafalda para finalizar a aula indagando os alunos sobre o que eles entenderam da tirinha.



Fonte: Bernardi (2014)³.

³ Essa tirinha foi retirada do Blog do professor Amilcar Bernardi, publicado em 26 de dezembro de 2014. Disponível em: <https://profamilcarbernardi.blogspot.com/2014/12/o-trabalho-na-historia-do-capitalismo.html?m=0>. Acesso em: 20 jan. 2022.

Ao lerem, serão lançadas algumas indagações:

- Vocês consideram o trabalho importante?
- Se sim, por que trabalhamos?
- Vocês acreditam que o trabalho seria um desperdício de vida?
- É possível trabalhar e desfrutar das coisas boas da vida?
- Vale a pena trabalhar muito e deixar a vida passar?

3) Em seguida, será entregue aos alunos uma atividade por meio da qual o professor apresentará as variações de moeda que o Brasil já teve, dando início à introdução do conteúdo científico. Essa atividade deverá ser realizada em casa e requererá pesquisa.

A HISTÓRIA DO DINHEIRO

ATIVIDADE DE PESQUISA

Com o desenvolvimento da sociedade o dinheiro desenvolveu-se também. Aqui no Brasil, já tivemos vários tipos de dinheiro:

Pesquise seguindo as datas abaixo:



O dinheiro nos anos

De 1889 a 1942 foi: _____

De 1942 a 1967 foi: _____

De 1967 a 1970 foi: _____

De 1970 a 1986 foi: _____

De 1986 a 1989 foi: _____

De 1990 a 1993 foi: _____

De 1993 a 1994 foi: _____

E a partir de 1994 até hoje é o: _____

Fonte: Elaborada pelo pesquisador.

4) A avaliação desta atividade será feita a partir de uma roda de conversa, na qual o professor indagará aos alunos o que eles acharam da atividade, quais foram as dificuldades encontradas durante a pesquisa sobre as variações da moeda do Brasil, se eles já tinham ouvido falar sobre

alguns nomes de moedas que eles encontraram. Deverá permitir que os alunos exponham suas respostas oralmente e também que comentem sobre o que apreenderam do livro Capital e a relação dele com a tirinha. Esse momento poderá ser gravado (para análises) ou para mostrar aos alunos depois.



Essa etapa refere-se à mediação de forma sistemática do conteúdo sistema monetário. A etapa da instrumentalização é o momento em que o saber sistematizado é transmitido aos alunos para que apreendam os conhecimentos científicos, apropriem-se dele a fim de transformá-lo em instrumento de construção da sua realidade. Nesse momento o professor deve trabalhar conteúdos de forma intencional e contextualizada nas diferentes áreas do conhecimento,

possibilitando a compreensão dos alunos sobre a construção histórica de cada conteúdo, bem como as relações sociais presentes neles. A interdisciplinaridade deve ser buscada no sentido de possibilitar a apreensão crítica da realidade em suas múltiplas dimensões e áreas do conhecimento.

TERCEIRA AULA - DIA 21 DE JUNHO – 1 AULA/50 MIN

Conteúdo: História da moeda brasileira: sistema monetário

Objetivo: - compreender a história da moeda utilizada em nosso país.

Recursos: atividades impressas.

Avaliação: participação; resolução das atividades; debates; leitura e interpretação de textos; situações-problema; produção de desenhos e pintura.

Desenvolvimento da aula:

- 1) O professor dará continuidade ao conteúdo “sistema monetário” por meio de uma conversa dialogada para fixar o que eles estudaram no dia anterior acerca da pesquisa que fizeram sobre as variações da moeda do Brasil. Questões foram lançadas: quantas variações de moeda o Brasil teve até hoje? Será que o salário pago hoje equivale ao mesmo salário lá em 1889? Vocês já ouviram falar de algumas dessas moedas? Além do real? Etc.
- 2) O professor entregará para os alunos o texto “História do Dinheiro” para concretizar a atividade de pesquisa feita no dia anterior. Por meio dessa atividade, o professor transmitirá o conhecimento científico acerca do tema e conduzirá uma discussão com os alunos.

HISTÓRIA DO DINHEIRO

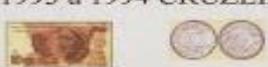
Há muito tempo atrás, ninguém precisava de dinheiro. Os grupos humanos produziam tudo o que era necessário para viver. Quando a sociedade começou a ficar mais complexa, as pessoas estabeleceram uma divisão do trabalho: uns plantavam, outros cozinhavam, outros construíam móveis, casas etc.

Então para se conseguir o que queria era necessário realizar as trocas dos produtos de trabalho, essa troca entre produtos chamava-se *escambo*, mas, com o passar do tempo essas trocas ficaram difíceis pois a sociedade já estava mais desenvolvida e as pessoas com vontade de possuir coisas. Imagine sair por aí com uma galinha nas mãos e ficar procurando quem teria uma vaca para trocar por ela... era bem complicado, aí surgiu a necessidade de criar o dinheiro.

Dinheiro foi o nome dado ao instrumento que representasse o mesmo valor do produto do trabalho das pessoas. Um exemplo, desses instrumentos, é o sal que tinha valor e era utilizado para trocas. *Curiosidade:* foi aí que originou-se a palavra salário, que é o pagamento por um trabalho realizado. Logo, trocou-se o sal por moedas feitas de ouro e prata que eram mais leves, fáceis de carregar e não estragavam.

Com medo de ficar com muitas moedas de ouro no bolso, as pessoas começaram a guardar seu ouro em casas mais seguras e recebiam um pedaço de papel indicando o valor que a pessoa tinha e quem guardava esse dinheiro, esse papel começou a ser chamado de papel-moeda.

Com o desenvolvimento da sociedade o dinheiro desenvolveu-se também. Aqui no Brasil, já tivemos vários tipos de dinheiro:

de 1889 a 1942 RÉIS;		de 1989 a 1990 CRUZADO NOVO;	
de 1942 a 1967 CRUZEIRO;		de 1990 a 1993 novamente CRUZEIRO;	
de 1967 a 1970 CRUZEIRO NOVO;		de 1993 a 1994 CRUZEIRO REAL;	
de 1970 a 1986 voltamos a chamar de CRUZEIRO;		e a partir de 1994 até hoje REAL.	
de 1986 a 1989 CRUZADO;			

Fonte: <https://br.pinterest.com/search/pins/?q=atividade%20historia%20do%20dinheiro&rs=typed>

3) A seguir, o professor entregará para os alunos as atividades acerca da história do dinheiro e também atividades de caráter cognitivo sobre resolução problemas.

- 1) Quantas moedas o Brasil já teve?
- 2) Qual é a moeda utilizada no Brasil hoje? E qual é o símbolo do real?
- 3) Desde que você nasceu, até hoje, quais as moedas que o Brasil já teve?
- 4) Volte ao texto e calcule, há quantos anos atrás utilizou-se o dinheiro chamado cruzeiro novo?
- 5) E o cruzeiro?
- 6) Ilustre o que você compreendeu sobre a história do dinheiro.

Cabe lembrar que a ação do professor nessa fase é de fazer com que os alunos confrontam os conhecimentos espontâneos e os conhecimentos científicos. Assim, o professor mediará, relacionando e estabelecendo a ligação entre os conteúdos científicos e a realidade histórica e social dos alunos.

QUARTA AULA - DIA 22 DE JUNHO - 1 AULA/50 MIN

Conteúdo: Noções sobre sociedade e trabalho

Objetivos: - compreender questões acerca de sociedade e trabalho, tais como conceitos de remuneração e força de trabalho, superando o senso comum e se aproximando de uma visão crítica acerca da realidade social;
- desenvolver o raciocínio lógico por meio das operações de adição e subtração.

Recursos: vídeos; atividades impressas; panfletos ilustrativos de supermercados.

Avaliação: participação; debates; resolução das atividades.

Desenvolvimento da aula:

- 1) O professor retomará o que foi visto na aula anterior, instrumentalizando os alunos por meio do vídeo da “turma da Monica”⁴, no qual Maurício de Souza propõe formas de economizar.

⁴ O professor fez a junção dos cinco vídeos para a instrumentalização dos estudantes nessa metodologia.



Fonte: Imagem organizadas pelo autor e retirada no Canal Sicredi e Turma da Mônica | YouTube⁵

Embora essa ideia vincule-se à reprodução da sociedade capitalista acerca da origem do dinheiro, orçamento familiar, formas de economizar e de recompensa de quem sabe administrar o dinheiro, o vídeo serve também para abordar a ideologia nele presente. O professor levantará questões para os alunos refletirem sobre o futuro, como realidade incerta, sobretudo para as pessoas mais pobres. Esta aula deverá possibilitar que os alunos elaborem uma visão crítica da sociedade capitalista.

2) Em seguida, o professor entregará folhetos de dois supermercados diferentes com objetos e preços ilustrados. Pedirá a eles que comparem os preços dos dois supermercados e elaborem situações-problema referentes a esse momento, tendo como objetivo refletir acerca dos preços em cada estabelecimento, questionando por que em um supermercado vende-se pelo valor X e, no outro, o mesmo produto é vendido pelo valor Y, ou seja, a discrepância de preços entre os dois supermercados. Nessa aula, o professor provocará a discussão sobre os diferentes tipos de preços, com os seguintes questionamentos:

- Vocês estão vendo que o mesmo produto vale mais aqui do que ali?
- Será que o produto daqui tem um ingrediente diferente do que o outro mercado?
- Por que será que tem essa diferença de preços?

⁵Sicredi e Turma da Mônica | Aprendendo a Economizar - YouTube
(372) Sicredi e Turma da Mônica | De onde vem o dinheiro - YouTube
(372) Sicredi e Turma da Mônica | Orçamento familiar - YouTube
(372) Sicredi e Turma da Mônica | A recompensa de quem sabe administrar o dinheiro - YouTube
(372) Sicredi e Turma da Mônica | Orçamento familiar - YouTube



Fonte: página do Instagram de dois supermercados de Jataí.⁶

3) Na sequência, apresentará as seguintes questões-problema:

- Sobre o que está falando os folhetos que você acabou de ler?
- Coloquem na tabela os preços dos produtos indicados e a diferença de preços entre eles.

Nome do produto	Preço (Sup. 1)	Preço (Sup. 2)	Diferença
Margarina			
Leite			
Arroz			
Macarrão			
Sabão em pó			
Feijão			
Biscoitos			

- Analisando os preços, em qual supermercado é melhor para comprar?
- Por que você chegou a essa conclusão?

⁶ Imagem de dois supermercados de Jataí. Fotos e vídeos do Instagram

c) Paulo quer comprar uma bola que custa R\$ 3,00. Ele possui as seguintes cédulas e moedas em sua carteira:



Fonte: Cliques educativos (2021). Disponível em: sistema Monetário - 2º ano (clickseducativos.com.br).

d) Desenhe as cédulas e as moedas necessárias para ele comprar a bola sem precisar receber troco:

SEXTA AULA - DIA 24 DE JUNHO - 1 AULA/ 1H 40MIN

Conteúdo: Aquisição e uso do dinheiro

Objetivos: - entender as questões éticas envolvendo aquisição e uso do dinheiro;

- refletir acerca do poupar dinheiro, consumo exagerado, sobretudo ao gasto que tiveram com o dinheiro que os pais ou até mesmo os alunos conseguiram com a força do trabalho.

Recursos: embalagens de produtos vazios; cédulas de dinheiro (imitação); prateleira; caixa de sapatos; etiquetas de preços; etc.

Avaliação: observação; participação.



Desenvolvimento da aula:

O penúltimo encontro ocorrerá de forma dinâmica. Dessa vez será por meio de uma simulação de uma atividade prática, intitulada Mercadinho, que visa à compra e venda de produtos. Sabendo-se que essa dinâmica induz a reprodução da sociedade capitalista, objetivamos com essa atividade fazer que os alunos do 5º ano reflitam acerca do poupar dinheiro, do consumismo, sobretudo do gasto com o dinheiro que os pais ou até mesmo os

alunos conseguiram com a força do trabalho. Essa será a última atividade dessa unidade de ensino.

O professor fará com os alunos um “mini supermercado” com objetos etiquetados com preços altos e baixos, considerando os preços reais dos produtos praticados pelo comércio local, e cédulas de imitação de dinheiro, levando os alunos a refletirem sobre os preços e se podem consumi-los ou não. O professor provocará a reflexão sobre o lugar que cada um ocupa na sociedade de classes, na qual, para comprar certo produto, precisará da força de trabalho para conseguir o dinheiro com o qual comprará certo objeto. Com essa atividade, pretende-se que a turma do 5º ano relacione o conteúdo com sua vivência e compreendam a importância da matemática crítica na vida social.

O professor confeccionará o dinheiro a ser usado e mostrará todas as cédulas existentes no nosso país, diferenciando notas de moedas. Explicará também aos alunos que o dinheiro compra produtos, paga a força de trabalho do papai e da mamãe, a água que bebemos, a energia que ilumina a casa etc. Para simular o Mercadinho, o professor pedirá aos alunos que tragam de suas casas produtos de embalagem vazia. Assim, o professor organizará a atividade e entregará para cada aluno uma quantia com a qual eles farão as compras. A turma será dividida em dois grupos: um que venderá e outro que comprará os produtos. Depois será feito o revezamento para que todos possam participar da experiência de vender e comprar.



Essa é a etapa em que o aluno sistematiza e manifesta o que assimilou durante a transmissão do conhecimento científico, demonstrando os saltos de aprendizagem. O aluno traduz de forma oral ou escrita a compreensão que teve de tudo que foi trabalhado e expressa sua nova maneira de ver o conteúdo e a realidade. Nessa perspectiva, o aluno será capaz de entender as questões que serão propostas de forma mais consistente e elaborada.

SÉTIMA AULA - DIA 24 DE JUNHO

Conteúdo: História do dinheiro e seus usos na sociedade capitalista

Objetivos: - compreender a história do dinheiro e como o salário é obtido;
- entender como funciona o sistema monetário numa perspectiva crítica;
- compreender o valor que tem o dinheiro na sociedade do capital e tomar decisões acerca de seu uso.

Recursos: atividade impressa.

Avaliação: compreensão da atividade proposta; participação; debate.

Desenvolvimento da aula:

Para esse momento, o professor entregará para cada aluno uma atividade xerocopiada com algumas questões acerca do que foi instrumentalizado durante as aulas. Assim o professor verificará a compreensão do conhecimento científico acerca do conteúdo.

ATIVIDADES

DATA: ____/____/____

NOME DO ESTUDANTE: _____

SISTEMATIZANDO!

1. COM BASE NO QUE ESTUDAMOS AGORA ESCREVA EM FORMA DE TEXTO:
COMO SURTIU O DINHEIRO?

2. O QUE É TRABALHO?

3. O QUE É SALÁRIO?

4. O QUE É CAPITAL?

5. O QUE É CAPITALISMO?

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Em seguida, o professor organizará a turma em círculo e proporá uma roda de conversa, na qual retomará os objetivos propostos para verificar se foram atingidos.

Observará se os alunos alcançaram os objetivos de compreensão sobre a história do dinheiro, sobre o salário, o sistema monetário e o uso do dinheiro.



O último momento do método didático da pedagogia histórico-crítica espera que os alunos alcancem o saber problematizado, instrumentalizado e transformado. Nessa etapa, o aluno deve demonstrar ter compreendido a realidade tal como ela é, isto é, com todos os seus condicionantes históricos. É quando demonstram compreender de forma crítica a sua condição histórica. Espera-se que os alunos cheguem à prática social final com outra visão de mundo, sabendo que valor tem o dinheiro na sociedade do capital, que o dinheiro não vale o trabalho que os pais dos alunos realizam.

Para concluir, o professor fará um debate em conjunto com os alunos, para pensarem estratégias que possam ser utilizadas para colocar em prática o novo conhecimento acerca do tema estudado, assumindo o compromisso com a transformação da prática social. A demonstração dos alunos, nos debates e tarefas, de apreensão dos conhecimentos acerca do conteúdo sistema monetário evidenciará a categoria central do método materialista histórico-dialético, que é o trabalho. O salário é uma remuneração do trabalho e, nesse sentido, eles deverão compreender que não é o esforço do trabalhador que determina o seu salário, mas o resultado de complexas relações entre valor de uso e valor de troca que determinam a expropriação do trabalhador nessa sociedade do capital.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esta proposta de intervenção formativa pretende-se que os alunos compreendam a função do dinheiro na sociedade, por meio do estudo dos conteúdos sobre sistema financeiro. Objetiva-se que eles possam: conhecer a história do surgimento do dinheiro; apreender o conceito de trabalho e sociedade e as relações que se estabelecem na sociedade capitalista; aprender a contar cédulas a partir do valor que possuem; desenvolver noções cognitivas e éticas acerca de troco certo e troco errado, preços e consumismo.

Consideramos que o PE proposto é inovador, pois, com esta proposta de ensino fundamentada na PHC, foi possível desenvolver um projeto de ensino de educação transformadora para os filhos da classe trabalhadora. O caráter inovador está em sua finalidade educativa, tendo sido planejado a partir de conhecimentos existentes e sistematizados, fundamentados na PHC. Com o planejamento focado no destinatário, as aulas se tornaram atrativas e o conhecimento científico sobre o sistema monetário foi transmitido aos alunos de modo que pudessem compreender a realidade e, ao mesmo tempo, refletir sobre as contradições da sociedade capitalista, despertando neles o anseio pela transformação social. Assim, essa intervenção pedagógica buscou afastar-se do modelo de ensino mecânico respaldado por concepções que não visam uma formação integral e humanística, mas a formação para o mercado de trabalho, de viés acrítico da atual sociedade. Diferentemente, a proposta buscou pautar-se pela educação com vista à transformação individual e social de forma humanizadora, tanto do professor quanto do aluno, por meio do saber sistematizado.

Logo, este PE é singular na área da educação, já que não foram encontradas pesquisas com proposta idêntica de ensino, o que lhe confere caráter inovador e de replicabilidade, uma vez que outros professores, desde que se apropriem dos fundamentos teórico-práticos da PHC, podem desenvolver a mesma proposta com seus alunos na escola onde atuem, valorizando, assim, o conhecimento científico e defendendo sua socialização com todos os alunos, independentemente da classe social, mas, especialmente, com os filhos da classe trabalhadora.

Por fim, a partir de uma prática pedagógica fundamentada na PHC, o professor dará ferramentas para os alunos se posicionarem politicamente de forma emancipadora, ética e justa. Isso se fará por meio da transmissão, por parte do professor, do conhecimento sistematizado e historicamente acumulado e da apropriação, por parte dos alunos, desse conhecimento, em suas múltiplas dimensões. Dessa forma, busca-se contribuir para a

formação pessoal e a emancipação intelectual dos alunos. A partir da teoria adotada, espera-se que os alunos elaborem uma visão concreta do mundo, ampliando as possibilidades de transformação da sociedade, em um sentido ético e emancipador.

REFERÊNCIAS

- DOMINSCHKEK, Luciane Domininschek; SILVA, Wilson da; SOUZA, Daniele Moura Rocha. Por uma educação crítica e transformadora: em defesa da Pedagogia Histórico-Crítica e da emancipação da prática docente. **Revista Intersaberes**, v. 11, n. 22, p.110-124, jan-abr. 2016. Disponível em: <https://www.revistasuninter.com/intersaberes/index.php/revista/article/view/1006>. Acesso em: 20 abr. 2022.
- GASPARINI, João Luiz. **Uma didática para a Pedagogia Histórico-Crítica**. 5ª ed. Campinas: Autores Associados, 2013.
- GIARETTON, Francielly Lamboia; MAZARO, Leonete Dalla Vecchia; OTANI, Santa. O ensino da matemática nos anos iniciais do ensino fundamental: contribuições à luz da Pedagogia Histórico-Crítica. *In*: PAGNONVELLI, Cláudia; MALANCHEN, Julia; MATOS, Neide da Silveira Duarte de. **O trabalho pedagógico nas disciplinas escolares**: contribuições a partir dos fundamentos da pedagogia histórico-crítica. Campinas: Armazém do Ipê, 2016. p. 263-296.
- LAVOURA, Tiago Nicola; MARTINS, Lígia Márcia. A dialética do ensino e da aprendizagem na atividade pedagógica histórico-crítica. **Interface** (Botucatu), v. 21, n. 62, p. 531-541, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/DVjr4Q7wKS8CR6pnRRcfKMc/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 20 abr. 2022.
- LAVOURA, Tiago, Nicola; MARSIGLIA, Ana Carolina Galvão. A pedagogia histórico-crítica e a defesa da transmissão do saber elaborado: apontamentos acerca do método pedagógico. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 33, n. 1, p. 345-376, jan./abr. 2015.
- LAVOURA, Tiago, Nicola. Método pedagógico histórico-crítico e o ensino de ciências: considerações para a didática e a prática pedagógica. **Rev. Simbio-Logias**, v. 12, n. 17, p. 103-124, 2020. Disponível em: https://www.ibb.unesp.br/Home/ensino/departamentos/educacao/metodo_pedagogico_historico_o-critico_ensino.pdf. Acesso em: 12 jul. 2022.
- LIMA, Kallandra Pacheco de; POERSCH, Kelly Gabriela; EMMEL, Rúbia. Dificuldades de ensino e de aprendizagem em Matemática no oitavo ano do Ensino Fundamental. **REMAT: Revista Eletrônica da Matemática**, Bento Gonçalves, RS, v. 6, n. 1, p. 01-15, fev. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/REMAT/article/view/3420>. Acesso em: 12 jul. 2022.
- MARSIGLIA, Ana Carolina Galvão; MARTINS, Lígia Márcia; LAVOURA, Tiago, Nicola. Rumo à outra didática histórico-crítica: superando imediatismos, logicismos formais e outros reducionismos do método dialético. **Revista HISTEDBR**, Campinas, SP, v.19, p. 1-28, 2019. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8653380>. Acesso em: 23 set. 2022.

MARTINS, Lígia Márcia. **O Desenvolvimento do Psiquismo e a Educação Escolar:** contribuições à luz da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica. Campinas: Autores Associados, 2013.

MARTINS, Lígia Márcia. **Elementos Fundamentais da Prática Pedagógica.** p. 1-10, 2016. Disponível em: http://www.cascavel.pr.gov.br/arquivos/23062016_ligia_marcia_martins.pdf. Acesso em: 26 maio 2022.

MARTINS, Lígia Márcia; CARVALHO, Bruna; DANGIO, Meire Cristina Santos. O processo de alfabetização: da pré-história da escrita à escrita simbólica. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 337-346, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/sNtXNMtyt4MvF7hW8zKTR4c/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 maio 2022.

MARTINS, Lígia Márcia; LAVOURA, Tiago Nicola. Materialismo histórico-dialético: contributos para a investigação em educação. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, v. 34, n. 71, p. 223-239, set./out. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/75VNGFj5PH5gy3VsPNp3L6t/?lang=pt>. Acesso em: 26 maio 2022.

MARX, Karl. **O capital**, Livro I. Tradução Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

OLIVEIRA, Samuel Godinho Mandim de. **A Pedagogia Histórico-Crítica e o Ensino de Ciências nas escolas do município de Bauru:** entre concepção e prática. 2021. 206f. Tese (Doutorado em Educação para Ciências) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, SP, 2021.

NETTO, José Paulo; BRAZ, Marcelo. Trabalho, sociedade e valor. *In:* NETTO, José Paulo; BRAZ, Marcelo. **Economia política:** uma introdução crítica. São Paulo: Cortez, 2007.

PIZZOLATTO, Cristiane; PONTAROLO, Edilson; BERNARTT, Maria de Lourdes. A educação matemática crítica na formação do cidadão para sua emancipação social. **Educação, Ciência e Cultura**, v. 25, n. 1, p. 303-314, 2020. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/4414/ef68960bdf5a1f4221f48b85e310cf82d66a.pdf>. Acesso em: 26 set. 2022.

QUEIROZ, Vanderleida Rosa de Freitas e. O materialismo histórico-dialético na pesquisa educacional: posicionamento ético-político de contestação à hegemonia. *In:* MAGALHÃES, S. M. O.; SOUZA, R. C. C. R. (org.). **Epistemologia da práxis e epistemologia da prática.** Campinas, SP: Mercado de Letras 2018. p. 196 -226.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia.** 42. ed. Campinas, SP: Autores associados, 1999.

SAVIANI, Demerval. O conceito dialético de mediação na pedagogia histórico-crítica em intermediação com a psicologia histórico-cultural. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 7, n. 1, p. 26-43, jun. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/12463>. Acesso em: 17 jul. 2022.

SANTOS, Raquel, Elisabete de Oliveira. Pedagogia Histórico-Crítica: que pedagogia é essa? **Horizontes**, v. 36, n. 2, p. 45-56, maio./ago. 2018. Disponível em: <https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/520>. Acesso em: 17 jul. 2022.

TURINI, Mateus Henrique. **Dos fundamentos à prática de um ensino histórico-crítico de filosofia**. 2020. 168f. Dissertação (Mestrado Profissional em Filosofia) – Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, 2020. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/644715>. Acesso em: 17 jul. 2022.